

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE/ FACHS  
CURSO DE PSICOLOGIA**

MARIA FLÁVIA MACHADO PAVAN

**A CRISE DA ADOLESCÊNCIA E O SISTEMA FAMILIAR:**

menos sofrimento, mais potencialidade

**SÃO PAULO  
2024**

Maria Flávia Machado Pavan

**A CRISE DA ADOLESCÊNCIA E O SISTEMA FAMILIAR:**

menos sofrimento, mais potencialidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Flavia Arantes Hime

**SÃO PAULO**  
**2024**

Desde a infância, as experiências vividas com as figuras significativas do mundo familiar vão sendo gravadas no indivíduo. Essas experiências, que envolvem a cultura, a moral e os valores das gerações anteriores, vão influenciando sem que o sujeito perceba, as suas decisões e as suas escolhas afetivas, sexuais e profissionais, entre outras. Figurativamente, é como se todas as pessoas tivessem vozes familiares gravadas no seu interior (Wagner, 2024, p. 26).

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora querida, Flavia, que, com carinho e afeto, me deu todo o apoio técnico e emocional para a conclusão deste estudo.

À Mariana, por ter me apresentado a Psicologia Sistêmica no meu terceiro ano de graduação com tanta sabedoria e delicadeza.

À Teca, parecerista deste trabalho, por ter me apresentado, logo no primeiro semestre de graduação, uma psicologia sensível e acolhedora, e por ter sido uma professora fundamental no enfrentamento de dias tão difíceis durante a pandemia.

À minha família, pelo apoio incondicional desde o dia em que escolhi cursar psicologia e por me mostrar, desde muito cedo, a importância do estudo e da ciência.

À minha analista, Vivian, por me acompanhar durante toda a graduação, com compromisso e cuidado, e por ser minha primeira grande inspiração como psicóloga.

À minha amiga querida, Maria Helena, por ser colo e acalento, e por me incentivar diariamente nessa jornada acadêmica, mesmo estando a um oceano de distância.

Às minhas companheiras de vida, Gabriela e Mariana, por acompanharem minhas conquistas acadêmicas há mais de 10 anos e por viverem comigo o lado social da faculdade.

Às minhas amigas que estiveram comigo desde o primeiro dia de graduação, pelas risadas, infinitos trabalhos em grupo, e por fazerem a experiência universitária muito mais especial.

Às minhas amigas que, com tanto carinho, me acolheram no último ano de graduação e compartilharam momentos tão desafiadores e cruciais para a minha formação como psicóloga.

E, principalmente, ao Pedro, à Maria e ao Marcos Vinícius, por toparem abrir suas intimidades, compartilhar seus processos e confiar no meu estudo.

PAVAN, M. F. M. **A CRISE DA ADOLESCÊNCIA E O SISTEMA FAMILIAR: MENOS SOFRIMENTO, MAIS POTENCIALIDADE.** Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2024.

## RESUMO

O presente estudo buscou investigar a crise da adolescência e como ela influencia direta ou indiretamente a dinâmica estabelecida no sistema familiar em questão, através da perspectiva da Psicologia Sistêmica. Tendo em vista que trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, o procedimento metodológico utilizado para coleta de informações foi de três entrevistas semi-dirigidas e semi-estruturadas no total - sendo uma delas feita com um adolescente de 17 anos e as demais com seus respectivos pais. Tal escolha foi sustentada pela busca por compreender alguns fenômenos particulares deste sistema familiar e relacioná-los aos conteúdos trazidos nos capítulos teóricos. A partir da transcrição das entrevistas, optou-se por analisar conteúdos que estivessem alinhados com dois principais conceitos: a comunicação familiar, e as regras e limites estabelecidos dentro da família. Os resultados obtidos nas entrevistas e analisados à luz do embasamento teórico apresentado em capítulos anteriores permitiram a construção de análises que contribuem para o estudo das dinâmicas familiares em sistemas com um dos membros passando pela crise da adolescência.

**Palavras-chave:** adolescência; família; crise; sistema; psicologia.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>OBJETIVO.....</b>	<b>9</b>
<b>JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>10</b>
<b>1 A TEORIA FAMILIAR SISTÊMICA.....</b>	<b>11</b>
<b>2 A FAMÍLIA.....</b>	<b>13</b>
2.1 A família e o adolescente: um olhar sistêmico.....	14
2.2 O adolescente contemporâneo e a relação com a família.....	16
<b>3 MÉTODO.....</b>	<b>18</b>
3.1. Participantes.....	18
3.2. Instrumento.....	19
3.2.1. Perguntas disparadoras.....	20
3.3. Procedimento.....	21
3.4. Considerações éticas.....	21
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>23</b>
4.1. Identificação dos participantes.....	23
4.2. Análise de resultados.....	23
4.2.1. Convergências.....	24
4.2.2 Divergências.....	28
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>
<b>ANEXOS E APÊNDICES.....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

A proposta do projeto surgiu a partir de um interesse pessoal da pesquisadora em compreender as mudanças que ocorrem na adolescência, e em como elas modificam o sistema familiar como um todo. Tal interesse foi descoberto após uma palestra da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento III da PUC-SP, apresentada pela psicóloga, mestre e doutora em psicologia clínica e especialista em terapia de família e casal, Mariana Cacciacarro. Nela, a psicóloga expôs possíveis frutos de determinadas relações que são estabelecidas entre pais e filhos adolescentes, e em como isso pode afetar direta e indiretamente o desenvolvimento desses membros posteriormente na vida adulta.

Além disso, foi neste mesmo período que a pesquisadora teve seu primeiro contato com a Psicologia Sistêmica. Durante a graduação de Psicologia na PUC-SP, são raras as disciplinas que citam essa abordagem, porém desde o primeiro contato, mesmo que relativamente superficial, a autora se identificou com o objeto de estudo e com a teoria da sistêmica.

A fase tão conhecida como “aborrescência” carrega um estigma que é fortalecido pela falta de conhecimento e estratégia para lidar com os jovens que estão atravessando essa etapa do desenvolvimento. Diante disso, faz-se necessário um estudo teórico-prático que auxilie na desmistificação da adolescência.

A visão de uma adolescência única, presente ainda hoje, parece inapropriada e, sobretudo, limitada e ultrapassada (Steinberg & Morris, 2001). Já não se pode mais admitir que a ideia tradicional de rebeldia (tempestade e estresse) seja típica, universal ou mesmo inevitável nesta etapa do curso de vida (Larson et al., 2002). Considerar o adolescente com base em fatores particulares, ou mesmo isolar aspectos genéticos e ambientais, pode impedir um diálogo amplo entre as diferentes áreas de pesquisa, e dos pesquisadores com os profissionais e os políticos (SENNA & DESSEN, 2012, p.106).

O período da adolescência é aquele que, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), se passa entre os doze e dezoito anos. Essa fase, além das diversas mudanças cognitivas e sociais, apresenta transformações biológicas visíveis, rumo ao desenvolvimento de um corpo adulto, tais como: altura, forma e sexualidade (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silveiras, 2010).

Por mais que seja importante citar os aspectos biológicos que caracterizam o período do início da puberdade, é imprescindível fazer um recorte a nível subjetivo do que

significa ser um adolescente, principalmente no que diz respeito aos dias atuais. Levando em consideração as mudanças que ocorrem nos aspectos corporal, psíquico e social, hoje a adolescência passa a ter um sentido próprio, e não se caracteriza apenas como um período de preparação para a vida adulta (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silveira, 2010).

O desenvolvimento do adolescente diz respeito a um fenômeno extremamente mutável e influenciado diretamente pelas transformações da sociedade (Kalina, 1999). Isso, por sua vez, faz com que esse jovem procure formas de descobrir seus próprios limites, muitas vezes acarretando no questionamento daqueles já pré-estabelecidos pelo ciclo familiar (Pratta & Santos, 2007). O conhecimento de tal questão é importante, já que influencia não somente a relação que o adolescente estabelece com o mundo, mas principalmente a forma como ele se relaciona e modifica o sistema familiar em que está inserido.

## **OBJETIVO**

### **Objetivo Geral**

Investigar as relações interpessoais estabelecidas em um sistema familiar com um dos membros vivenciando crise da adolescência, e as transformações que ocorrem no sistema.

### **Objetivos Específicos**

Compreender as percepções e vivências individuais dos membros familiares:

- pais;
- adolescente.

## JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa visa oferecer subsídios para que famílias entrem em contato com estratégias que fortaleçam os vínculos familiares mas que, paralelamente, permitam o crescimento e desenvolvimento individual de cada membro; além disso poderá contribuir à comunidade acadêmica, oferecendo mais um estudo sobre a crise da adolescência a partir da perspectiva do próprio adolescente e de sua família.

No que diz respeito à relevância para a formação da pesquisadora, o presente estudo possibilitou a concretização de um anseio despertado muito cedo na graduação. Desenvolver um trabalho de conclusão de curso em uma área que é apenas pincelada durante os 5 anos de bacharelado em Psicologia na PUC-SP e que é, ao mesmo tempo, a área de interesse principal da autora, marca o início de uma carreira visando a atuação clínica embasada na sistêmica.

## 1 A TEORIA FAMILIAR SISTÊMICA

Antes de falar sobre a Teoria Familiar Sistêmica, é necessário primeiramente, falar sobre a etiologia e as influências que levaram ao surgimento do pensamento sistêmico dentro da Psicologia. Um importante fator que diferencia a origem dessa abordagem, quando comparada às demais, é a motivação. A sistêmica aparece na Psicologia não partindo da Academia, como muitas outras linhas teóricas, mas como um resultado da insatisfação de diversos profissionais com a prática (Celestino & Bucher-Maluschke, 2015).

Por mais que a Teoria Familiar Sistêmica tenha tido como base teórica para sua criação influências da Psicanálise, de Sigmund Freud, e da terapia Focalizada no Cliente de Carl Rogers (Nichols & Schwartz, 1998), a abordagem propõe uma visão diferente das teorias já pré estabelecidas. O foco nas relações interpessoais, e não mais no funcionamento intrapsíquico como meio de compreensão dos fenômenos psicológicos é um grande diferencial da teoria sistêmica (Fiorini & Guisso, 2016).

As características-chave de um sistema são a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade. Tudo está relacionado com tudo, nada está isolado e tudo coexiste e interexiste com todos os seres do universo. Diante desse olhar, os sistemas vivos são totalidades essenciais ou propriedades do todo: surgem das relações de organização entre as partes (Sanchez, 2020, p. 15).

Além disso, os estudos iniciais da Teoria Familiar Sistêmica também sofreram grandes influências da Teoria Geral dos Sistemas, da Cibernética e da Teoria da Comunicação Humana (Fiorini & Guisso, 2016).

O biólogo Bertalanffy (1973) concebia que as leis aplicadas aos organismos biológicos poderiam ser ampliadas a outras áreas de conhecimento, elaborando a Teoria Geral dos Sistemas. Para o autor, um sistema representa um conjunto complexo de elementos em interação, que formam um todo unitário e organizado. A Teoria Geral dos Sistemas contribuiu significativamente para a elaboração de conceitos que fundamentam a concepção de família como um sistema (Fiorini & Guisso, 2016, p. 2).

Ao investigar mais profundamente as origens do pensamento sistêmico, é possível perceber que ele, desde a base, já se articula diretamente com a proposta que virá a ser a Terapia Familiar Sistêmica. O foco na prática demonstra um compromisso com a clínica e

com a busca por uma compreensão mais implicada na experiência grupal e individual de cada sistema familiar.

O pensamento sistêmico colabora para pensar o fenômeno familiar em função da diversidade de aspectos que influenciam nessa configuração. Para tanto, a abordagem teórica fundamentada na epistemologia sistêmica se mostra bastante adequada no desenvolvimento de pesquisas com famílias no cenário atual” (Fiorini & Guisso, 2016, p. 7).

De acordo com Vasconcellos (2003), a fim de compreender a complexidade de um indivíduo é preciso deixar de acreditar que é necessário delimitá-lo muito bem; ao invés disso, é importante compreender que o trabalho deve ser feito sempre com o indivíduo em **contexto**; o foco nas relações deve ser o objeto de estudo. Atrelado a isso, a fim de compreender o funcionamento desse indivíduo mais profundamente, é preciso contextualizá-lo. Reintegrar o objeto em seu contexto auxilia na ampliação e redirecionamento do foco; a partir do momento em que a atenção é direcionada para as interligações, é possível ver um sistema existindo em si mesmo e interagindo com outros sistemas (Vasconcellos, 2013). No contexto do estudo da família, essa noção deve ser a prioridade.

## 2 A FAMÍLIA

As primeiras relações estabelecidas por um indivíduo acontecem dentro da família (Cardoso & Baptista, 2020), e esse é um dos diversos pontos que sustentam a relevância desta instituição. No que diz respeito à socialização, os pais de uma criança, na maioria das vezes, se apresentam enquanto pilares, já que ocupam a posição de apresentar normas e atitudes sociais, além de influenciarem escolhas políticas, religiosas e a construção de valores (Cardoso & Baptista, 2020).

Diante disso, a noção de herança familiar entra em cena: “cabe aos pais ensinarem aos filhos os valores éticos e culturais, as regras, os papéis e as crenças que eles mesmos aprenderam de seus respectivos pais” (Cardoso & Baptista, 2020, p. 5), mas não sem antes fazer uma pré avaliação do que deve ser mantido e do que deve ser transformado. A família, por ser um sistema relacional vivo, e que está em constante transformação, se apresenta enquanto a instituição ideal para transmissões geracionais (Cardoso & Baptista, 2020).

Todo o indivíduo se insere em uma história preexistente, da qual ele é herdeiro e prisioneiro (André-Fustier e Aubertel, 1998). Isso ocorre porque a identidade do indivíduo se constitui a partir desse legado familiar que, por sua vez, define o lugar que ele passa a assumir na família (Wagner, 2014, p. 26).

Ainda sobre a dinâmica intergeracional, vale ressaltar a importância dela não ser considerada de forma isolada, já que diversos outros aspectos genéticos, psicológicos e sociais devem ser contemplados ao se fazer uma análise do sistema familiar. Questões envolvendo trabalho, níveis socioeconômicos, religião, recasamentos, entre tantos outros fatores, fortalecem a noção de que estudar a intergeracionalidade é extremamente complexo e não pode deixar de ser visto como uma questão multifatorial (Cardoso & Baptista, 2020).

Considerando então a complexidade do conceito de intergeracionalidade, cabe fazer uma breve ressalva a respeito de outro conceito muito utilizado quando trata-se do estudo da família: o que é e o que deixa de ser “normal”. A fim de desenvolver um

trabalho sobre sistemas familiares, muitas vezes é necessário tecer comparações e generalizações, porém, é crucial pontuar que isso não significa chegar em verdades absolutas, já que “uma aplicação rígida das ideias psicológicas ao ciclo de vida “normal” pode ter um efeito prejudicial, caso promova um ansioso auto-escrutínio que desperte o medo de que qualquer desvio das normas seja patológico” (Carter & McGoldrick, 1995, p.7).

## **2.1 A família e o adolescente: um olhar sistêmico**

Para a Psicologia Sistêmica, a família carrega uma essencial função no que diz respeito à construção de saúde emocional e proteção de seus membros (Wagner, 1999).

O Pensamento Sistêmico passa a ser o substrato de propostas de intervenção para a clínica de família. Dessen (2010) ressalta a relevante contribuição da Teoria Sistêmica da família, a partir da segunda metade do século XX, visto que trouxe um novo olhar para o contexto familiar. A adoção da Perspectiva Sistêmica implica em entender a família como um sistema complexo, composto por vários subsistemas que se influenciam mutuamente, tais como o conjugal e o parental. (Gomes, 2014, p.14).

A partir dessa perspectiva, pode-se considerar a família como um sistema extremamente dinâmico, e que se relaciona de acordo com o estabelecimento de regras. Diante disso, é necessário ressaltar que a estrutura interna, que é inerente a qualquer sistema familiar, permite uma comunicação pautada nas regras pré-estabelecidas, sejam elas explícitas ou implícitas (Cremasco, 2013).

Além do sistema considerado principal, existem ainda subsistemas que compõem a estrutura familiar e que influenciam ativamente na forma como os membros se relacionam. Tais subsistemas podem ser entendidos enquanto uma forma de reagrupamento dos membros que compõem o sistema familiar. Dito isso, é importante ressaltar que dentro de cada subsistema se estabelece uma forma singular de comunicação, que muito está relacionada com as variáveis que o organizam, sejam elas: geração, sexo, função ou papel (Cremasco, 2013).

Levando em consideração a singularidade da organização desses sistemas e subsistemas, vale pontuar que as interações entre os membros que os compõem dão fruto a dinâmicas que não poderiam ser deduzidas exclusivamente pela análise individual de cada membro.

O sistema é mais do que a soma das partes, porque sua organização faz surgir qualidades que não existiriam fora dela: emergências constatáveis empiricamente, mas não dedutíveis logicamente. E por outro lado, também o sistema é menos que a soma de suas partes, porque a organização implica restrições que inibem a manifestação de algumas qualidades próprias às partes. (Vasconcellos, 2013, p. 116)

No que diz respeito às funções e demandas de cada subsistema, é importante que cada agrupamento que se estabelece dentro da família seja estável o suficiente a ponto de, caso haja qualquer tipo de mudança contextual ou evolutiva - inerente às estruturas familiares - seja possível uma manutenção contínua e flexível do sistema (Cremasco, 2013).

Isso, por sua vez, se relaciona fortemente com o recorte em questão, já que, no caso dos adolescentes, relacionamentos dentro do sistema familiar principal, e dos subsistemas, que ofereçam segurança e estabilidade, especialmente com seus pais, apresentam-se enquanto fatores de extrema relevância para a saúde mental do jovem e para a manutenção de uma dinâmica familiar saudável.

É importante pontuar que uma família que consiga construir esse tipo de relação com o adolescente não significa um sistema com ausência de conflitos. De acordo com Wagner (1999), “bons níveis de saúde familiar, muitas vezes, encontram-se associados a núcleos que favorecem tanto expressão de agressividade, de raiva e de hostilidade, quanto de carinho, ternura e afeto” (P. 2). Dito isso, é importante então ressaltar que dentro de qualquer sistema familiar, mas principalmente naqueles que possuem membros adolescentes, é preciso que a família encontre meios de solucionar problemáticas a partir da participação ativa de todos (Wagner, 1999).

Em nossa opinião, o estresse familiar é geralmente maior nos pontos de transição de um estágio para outro no processo de desenvolvimento familiar, e os sintomas tendem a aparecer mais quando há uma interrupção ou deslocamento no ciclo de vida familiar em desdobramento (Carter & McGoldrick, 1995, p.8).

A entrada no período da adolescência por parte de um integrante do ciclo familiar mobiliza todos os membros da família (Pratta & Santos, 2007) já que, ao evoluir “de um estado de intensa dependência para uma condição de autonomia pessoal” (Pratta & Santos, 2007, p.. 252); os demais componentes do sistema, por serem forçados a entrar em contato com conteúdos típicos da adolescência (insegurança, transformação corporal e conflitos internos), parecem também “adolescer” (Pratta & Santos, 2007).

## 2.2 O adolescente contemporâneo e a relação com a família

Para compreender a relação existente entre o adolescente e a família na contemporaneidade é necessário levantar alguns pontos que acarretaram em mudanças consideráveis na forma como o adolescente se relaciona com sua família, principalmente com seus pais. Por mais que, por um lado, o aumento da competitividade no mercado de trabalho tenha exigido um maior investimento na vida acadêmica desse adolescente, resultando numa dependência familiar por mais tempo, por outro, o fácil acesso a informação por conta dos avanços tecnológicos passou a abalar a clara hierarquia que era estabelecida entre pais de adolescentes e seus filhos não muitas décadas atrás (Rodrigues & Kublikowski, 2014).

Diante desse abalo hierárquico, “a autoridade dos pais, antes presumida em função da idade e do acúmulo de experiências, hoje se acha em larga medida substituída pela intimidade e pela conquista de confiança” (Rodrigues & Kublikowski, 2014, p. 525). Dito isso, é evidente que algumas questões não recorrentes em outras gerações acabam aparecendo no ciclo familiar pós-moderno.

Essa autoridade construída sobre o desenvolvimento de intimidade se torna extremamente desafiadora para determinadas estruturas familiares e relações pais-adolescentes. Isso porque o caráter subjetivo do fortalecimento do vínculo e da estruturação da confiança pode produzir um distanciamento e uma dificuldade por parte dos pais de desempenharem a função de promotores de estabilidade emocional. Assim, o adolescente contemporâneo passa a se desenvolver em uma sociedade com mais complexidades e menos garantias e isso, por sua vez, desafia os pais a reinventarem formas de se manter como referência de suporte e de apoio emocional de seus filhos (Rodrigues & Kublikowski, 2014), podendo resultar no estabelecimento de diversos conflitos.

Frente a isso, é necessário que a partir do momento em que um membro do sistema familiar entra na adolescência, haja uma adaptação por parte dos pais, a fim de flexibilizar algumas fronteiras pré-estabelecidas e equilibrar a autoridade antes tão marcada (Wagner, 2002).

O resultado dessas adaptações é uma abertura à possibilidade de experimentação - ponto tão importante para o aprimoramento da personalidade do jovem - sem que haja um distanciamento brusco dos pais. Ao poder testar seus próprios limites, o adolescente

pode experimentar sua independência com autonomia, e se aproximar ao se sentir inseguro ou quando julgar necessário (Wagner, 2002).

Fronteiras flexíveis, que permitem aos adolescentes se aproximarem e serem dependentes nos momentos que não conseguem manejar as coisas sozinhos, e se afastarem e experimentarem, com graus crescentes de independência, quando estão prontos, exigem esforços especiais de todos os membros da família em seus novos status em relação aos outros (Carter & McGoldrick, 1995, p. 20).

Para Wagner (2002), no período da adolescência, “as transformações ocorrem, não somente, num nível intrapsíquico, mas também relacional” (p. 3); dito isso, diante de um claro anseio do adolescente por uma participação mais ativa nas decisões familiares, é necessário que a família se reorganize em termos de padrões comportamentais para receber essa demanda do jovem. Ao fazer isso o sistema é fortalecido, possibilita a criação de uma rede de afeto, confiança e respeito e abre uma via para que a comunicação clara e direta seja facilitada (Wagner, 2002).

### 3 MÉTODO

O objetivo deste trabalho foi investigar as relações interpessoais estabelecidas em um sistema familiar com um dos membros na crise da adolescência, e as transformações que ocorrem no mesmo.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e semidirigida, na qual o foco de atenção é a construção de significados por parte dos sujeitos, suas vidas e como as percebem (Ludke e André, 1986).

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão maior visibilidade ao objeto pesquisado; essas práticas transformam o mundo em uma série de significados. A pesquisadora interpreta os fenômenos em termos dos significados que lhe são conferidos.

Estes procedimentos não têm um modelo pronto, este vai sendo construído com destaque para duas funções na aplicação: verificação de hipóteses e descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado. As situações, ações e interações complexas serão analisadas em seus contextos, a partir do ponto de vista do sujeito, para se obter uma compreensão do fenômeno e dos processos envolvidos (Moon, 1990). Dessa maneira pode-se refletir melhor sobre os comportamentos humanos, considerando seus significados e intenções (Guba e Lincoln, 1994). Portanto, apesar de não se tratar de uma população clínica, este trabalho se caracteriza como uma pesquisa clínica por consistir num processo de conhecimento dos significados que o indivíduo atribui a suas crenças e valores, visando construir os fatos psicológicos dos quais ele é fonte em uma estrutura inteligível.

Considerando que a Psicologia Sistêmica tem como foco estudar os fenômenos relacionais nos mais diversos grupos, a partir da análise das relações em si e de suas consequências, o presente estudo visou coletar informações por meio de três entrevistas semi-dirigidas e semi-estruturadas no total - sendo uma delas feitas com o adolescente e as demais com seus respectivos pais.

#### 3.1. Participantes

1. Um adolescente de 17 anos e que reside com seus pais.
2. Respectivos pais do adolescente participante da pesquisa.

Critérios de inclusão: estrutura familiar composta por um adolescente entre 13 e 17 anos, da cidade de São Paulo, com pai e mãe cisgêneros, casados, e que residam na mesma casa.

Critérios de exclusão: adolescentes com mais de 17 anos ou menos de 13, com pais divorciados, ou que não residam com eles.

Mesmo tendo consciência das múltiplas possibilidades de arranjos familiares e da importância de considerar os atravessamentos relacionados a gênero, escolaridade, condição econômica, entre outros tantos fatores, para esse estudo escolheu-se trabalhar com uma estrutura familiar heteronormativa e cisgênero tendo em vista as limitações de um trabalho de conclusão de curso. Considerando o fato de que o modelo de pesquisa qualitativa não se ocupa de estabelecer generalizações, a proposta deste trabalho é garantir uma análise profunda da relação estabelecida entre os membros da família em questão.

A escolha por entrevistar separadamente cada membro do núcleo familiar (mãe, pai e adolescente) foi tomada levando em consideração dois pontos principais: a possibilidade de abertura de cada indivíduo, o cuidado para não gerar nenhum tipo de conflito entre os membros e viabilizar uma comparação direta das respostas dadas por cada um. A pesquisadora acredita que, por mais que uma entrevista em conjunto, ou apenas duas entrevistas - uma com o adolescente e a outra com os pais - pudessem oferecer conteúdos importantes para o estudo, além de possibilitar uma análise da dinâmica familiar na prática, o risco de perder o compartilhamento de experiências individuais ou dar abertura para qualquer desconforto dos entrevistados é caro demais.

### **3.2. Instrumento**

Foram utilizadas três entrevistas semidirigidas como instrumento de coleta de dados, uma com o adolescente e as demais duas com seus respectivos pais. Nessa perspectiva é importante considerar o pesquisador como parte do processo de coleta e análise dos dados: deve estar envolvido e ao mesmo tempo manter certo distanciamento,

que lhe permita posteriormente pensar sobre o que ouviu. É co-participante da realidade observada, tendo responsabilidade pelo material produzido.

A opção pela técnica da entrevista é justificada pela afirmação de Duarte (2004, p. 215):

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados.

A entrevista semiestruturada tem por foco um assunto sobre o qual se confecciona um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras inerentes às circunstâncias da realização das entrevistas. Para além da coleta de informações básicas, o roteiro funciona como parâmetro de organização para o pesquisador na sua interação com o entrevistado (Manzini, 2003).

### **3.2.1. Perguntas disparadoras**

As perguntas disparadoras foram selecionadas levando em consideração termos significativos para a pesquisa, como: dinâmica familiar, limites, comunicação e autonomia, mas principalmente, ponderando o caráter exploratório de cada uma delas. Propor perguntas que possibilitassem a abertura ao diálogo ao invés do fechamento foi um dos objetivos principais da pesquisadora ao desenvolver a seguinte listagem:

1. Como você descreveria a sua dinâmica familiar em três palavras?
2. Você sentiu mudanças significativas na dinâmica da família quando o seu filho entrou na adolescência?/ Você sentiu mudanças significativas na dinâmica da família quando você entrou na adolescência? Consegue pontuar exemplos concretos?
3. Você sentiu mudanças em relação a limites, responsabilidades e comunicação, quando seu filho entrou na adolescência? Você sentiu mudanças em relação a limites, responsabilidades e comunicação, ao entrar na adolescência?

4. Você sente que na família tem uma abertura para temas mais difíceis como álcool, drogas e sexualidade? Você se sente confortável conversando sobre esses temas?
5. A família tem regras claras? Consegue trazer exemplos?
6. Você sente que seu filho tem adquirido cada vez mais autonomia?/Você sente que tem adquirido cada vez mais autonomia?

Vale pontuar que, durante a coleta de dados, foram necessários outros questionamentos devido à singularidade das respostas dadas por cada participante. Adicionar às perguntas principais perguntas complementares possibilitou um maior entendimento de determinados conteúdos trazidos pelos entrevistados.

### **3.3. Procedimento**

As três entrevistas foram conduzidas na sala de estar do apartamento dos participantes, respeitando a preferência e disponibilidade deles. A entrevista com o pai teve duração de 21 minutos e a entrevista com a mãe teve duração de 31 minutos - ambas feitas no dia 07/04/2024. A entrevista com o adolescente teve duração de 16 minutos e foi realizada no dia 10/04/2024.

Os participantes voluntariamente concordaram em participar da pesquisa diante de um convite aberto feito em um grupo de *What's App*, e durante todo o processo demonstraram tranquilidade em compartilhar seus relatos. Nenhum deles apresentou nenhuma resistência diante da solicitação de gravar da entrevista.

Antes de encerrar as entrevistas, a pesquisadora se atentou a dar continência aos sentimentos que pudessem emergir levando em conta que a atividade pode mobilizar conteúdos afetivos. O cuidado com a exposição dos participantes foi constante.

### **3.4. Considerações éticas**

Nesta pesquisa destacam-se também as questões éticas, pois as informações obtidas envolvem um elevado grau de intimidade.

Segundo a Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012 complementada pela 510/2016 as pesquisas envolvendo seres humanos devem atender às exigências éticas, através do respeito aos seguintes princípios e critérios disciplinados pelos textos normativos do Brasil. Considera que sempre há riscos nas pesquisas com seres humanos, sendo que deve haver preocupação por parte do pesquisador em minimizá-los.

Esse projeto de pesquisa foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), mediante inserção na Plataforma Brasil (CAAE 77011323.0.0000.5482).

### **Autonomia**

O critério da autonomia se refere ao direito dos sujeitos de pesquisa à sua autodeterminação. Tal direito procura ser garantido nas pesquisas através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como pela proteção a grupos vulneráveis e a pessoas legalmente incapazes.

### **Beneficência**

Por este critério se entende que a pesquisa esteja comprometida com o bem de seus sujeitos individuais ou coletivos, reais e potenciais; busque, em vista disto, prever danos e riscos; garanta a participação dos sujeitos nos resultados benéficos da pesquisa.

### **Não-maleficência**

Afirma o compromisso de não causar danos, desde físicos e psíquicos aos morais e éticos. Supõe a explicitação de medidas de prevenção diante dos riscos e de reparação diante de danos possíveis.

### **Justiça**

Entende-se pela justiça, que a pesquisa tenha relevância social e uma destinação humanitária, voltada para a proteção e cuidado das pessoas e do ambiente assegura a distribuição equitativa dos custos e dos benefícios entre os sujeitos da pesquisa, sendo particularmente protegidos os sujeitos vulneráveis.

### **Privacidade e Confidencialidade**

Implícitas no critério da autonomia, a privacidade e confidencialidade são direitos dos sujeitos no que diz respeito aos dados da pesquisa que envolve sua intimidade, vida privada, imagem e todas as informações obtidas pela pesquisa, que os sujeitos quiserem ver preservadas. A privacidade e confidencialidade de tais dados estarão explicitadas no TCLE, bem estará assegurado seu uso apenas dentro dos declarados objetivos da pesquisa.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1. Identificação dos participantes**

Os participantes desta pesquisa incluem: um adolescente de 17 anos, estudante de uma escola particular da cidade de São Paulo; sua mãe, de 47 anos, que trabalha como gestora de projetos no terceiro setor; e seu pai, de 49 anos, que é administrador de empresas e esposo da mãe. É importante citar que a família também conta com uma adolescente de 13 anos, que não participa diretamente da entrevista mas é citada pelos participantes em alguns dos relatos. Os quatro residem no mesmo apartamento, na zona sul da cidade de São Paulo.

A fim de garantir a confidencialidade e a privacidade dos participantes, ao serem convidados a escolher um nome fictício, eles optaram por serem chamados de: Pedro (adolescente), Maria (mãe) e Marcos Vinicius (pai). Após serem questionados a respeito da motivação desta escolha, Pedro disse que gosta deste nome, Maria compartilhou que sente que no fundo “todas somos Marias” e Marcos Vinicius pontuou que, de acordo com sua mãe, este seria seu nome caso não fosse o que veio a ser.

### **4.2. Análise de resultados**

As informações obtidas por meio da coleta de dados foram analisadas à luz do material produzido na revisão da literatura, que consta nos capítulos teóricos desta pesquisa. Considerando a extensão dos relatos, fez-se necessário produzir uma síntese das narrativas, a fim de obter um conteúdo mais condensado, mas que ao mesmo tempo contenha as informações mais significativas para o presente estudo.

A partir da análise dos conteúdos trazidos pelos três entrevistados, optou-se por apresentar os resultados em formato de subcapítulos (5.2.1 Convergências e 5.2.2 Divergências), enfatizando as diferenças e semelhanças, compartilhadas por Marcos Vinicius (pai), Maria (mãe) e Pedro (filho adolescente), diante da mesma sequência de questões disparadoras.

É importante pontuar que durante toda a coleta de dados foi possível identificar as especificidades das dinâmicas estabelecidas dentro dos subsistemas conjugal e parental, e isso se reflete nos resultados. Diante disso, os dois primeiros subcapítulos da análise seguem a seguinte organização: primeiramente a apresentação de conteúdos que aparecem nos relatos dos três membros, seguida da apresentação de conteúdos que se

relacionam somente dentro de cada subsistema (mãe-pai; mãe-filho; pai-filho), possibilitando também a análise das peculiaridades de cada dinâmica dentro do sistema principal.

Considerando a extensão das narrativas obtidas nas entrevistas, optou-se por fazer um recorte daquelas que mais se relacionam com a temática principal do estudo, resultando em uma produção focada em dois principais pontos: a comunicação familiar, e as regras e limites estabelecidos dentro da família.

Os conteúdos trazidos pelos participantes serão explorados pela autora a partir da apresentação em citação direta recuada de excertos da transcrição das entrevistas. Vale pontuar que, por mais que a pesquisadora tenha se ocupado de transcrever as 3 entrevistas visando uma compreensão mais detalhada dos dados, essas não serão adicionadas ao material final a fim de garantir a confidencialidade e privacidade dos participantes.

#### 4.2.1. Convergências

Diante do questionamento a respeito da abertura da família para tratar de temas desafiadores, tais como drogas, álcool e sexualidade, de modo geral, os três participantes apresentaram respostas bastantes alinhadas.

*A gente tem um espaço bem aberto de conversa. Não necessariamente a gente entra de vez nesse espaço, mas às vezes a gente propõe isso, as barreiras vão se quebrando e a gente conversa. Tem várias dinâmicas, a gente consegue conversar nós quatro, às vezes a gente consegue só eu e ele... essa parte de sexualidade, por exemplo, de sexo, com a namorada... a primeira vez... a gente conversa com ele - Marcos Vinicius.*

*Acho que a gente abre para isso... eu acho que com o Pedro acabou que essas conversas ficaram mais para o Marcos Vinicius, para o pai, o que foi legal também porque eu acho que eles foram buscando esse espaço. A gente conversa entre a gente mas tem uma identificação e eu acho que foi legal. Toda a parte sexual, de perder a virgindade, tudo isso que já aconteceu com ele, tudo foi conversado. Eu acho que da questão de drogas eu acho que a gente sempre falou assim, né, desde vape que tem muito, né, acho que a gente fala - Maria.*

*Sempre me senti aberto. Eu acho que sempre conversei... em relação ao álcool sempre falei se bebia ou não, sempre fui sincero e tanto porque eu sou uma pessoa muito consciente e eu acho que eu avisava eles e tal. Eu acho que em relação à sexualidade eles sempre foram muito abertos, tanto pra me entender... às vezes eu tenho muita dificuldade de me expressar, de falar; eu guardo muitas coisas pra mim e às vezes eu não falava, mas*

*não sei, não foi que não tinha um ambiente de abertura assim... era mais uma coisa interna - Pedro.*

Por mais que as três respostas apresentem conteúdos semelhantes, existem alguns pontos para além das margens da pergunta feita pela pesquisadora que auxiliam numa compreensão mais minuciosa dessa dinâmica familiar. Assim como foi trazido tanto pelo pai, quanto pela mãe, conversas envolvendo temas desafiadores frequentemente, se não sempre, ficam nas mãos de Marcos Vinicius. De acordo com os pais, o casal alinha o que deve ser discutido com Pedro, mas a conversa com o adolescente em si, fica centralizada no pai. Não só Maria, como Pedro, em respostas a outras perguntas, também pontuam que existe uma nítida identificação do adolescente com o pai, e isso, por sua vez, auxiliou na construção dessa dinâmica.

Mesmo com essa particularidade, é importante ressaltar como as três respostas se assemelham; o fato de que todos os membros identificam uma abertura para dialogar sobre temas desafiadores demonstra a maturidade e confiança do sistema familiar.

Dando continuidade para a temática iniciada pela questão acima, a pesquisadora questionou os progenitores a respeito do momento de iniciar uma conversa desafiadora e de como isso acontece no dia-a-dia. Esse complemento à pergunta anterior se deu por conta da percepção da entrevistadora de que o casal demonstra muita sensibilidade no que diz respeito às conversas com o filho, resultando em uma dinâmica bastante específica no momento das trocas. Neste tópico a convergência apareceu somente nas respostas de Maria e Marcos Vinicius, mas não porque Pedro discordou deles, na realidade, o adolescente não explorou essa temática e a pesquisadora optou por não insistir.

*A gente sente às vezes quando eles estão querendo falar, quando ele fica travado então assim essa talvez seja a possibilidade, como a gente tem um núcleo muito próximo a gente acaba participando mais da vida dele, não necessariamente fazendo tudo, mas percebendo bem, e a gente consegue perceber quando as coisas não estão tão... quando tem desconforto a gente percebe aí a gente consegue falar; às vezes tem um desconforto que a gente pode ajudar mas tem um desconforto que a gente tem que deixar ir porque tem a parte do sofrimento que a gente entende que é parte da vida - Marcos Vinicius.*

*Acho que com adolescente a gente sabe que são poucas aberturas também. A gente tenta, aí quando... ele acaba tendo mais esse espaço com o Marcos Vinicius, então porque surfam juntos, jogam futebol juntos... então eu sempre acho que nesses lugares as conversas tem que vir num lugar... não é sentar na mesa e vamos conversar sobre isso porque fica um lugar chato que nenhum dos dois querem estar - Maria.*

Ambos os cuidadores pontuam o cuidado que eles têm ao abordar temas desafiadores com Pedro. É interessante perceber o respeito que os pais têm com os limites do filho e a atenção para o desconforto dele. Como trazido, de formas diferentes, durante toda a entrevista, Maria e Marcos Vinícius, por mais que procurem estar perto, permitem que Pedro tenha a liberdade de se afastar quando preciso, e retornar quando julgar necessário. Do ponto de vista de Carter & McGoldrick (1995) e de Wagner (2002), essas fronteiras flexíveis possibilitam a experimentação por parte do adolescente, sem que haja o distanciamento brusco dos pais. Dito isso, é possível perceber que esse processo aponta para uma possibilidade de Pedro construir sua autonomia e desenvolver sua individualidade, ao mesmo tempo que segue vinculado à família que oferece apoio e suporte.

### *Afastamento da mãe*

A fim de inaugurar a temática de regras e limites, a autora propôs aos participantes o compartilhamento de como eles se sentiam frente a essas questões. O ponto de convergência nessa etapa se deu nas falas de Maria e Pedro, ao trazerem relatos a respeito da própria dinâmica mãe-filho após o questionamento especificamente sobre conflitos:

*Então, numa época da adolescência, ele tinha mais embate comigo, porque eu sempre tenho um papel de “arruma quarto”, essa coisa toda. Não é nem essas conversas, é do dia a dia mesmo. E aí acaba que a mãe, quando vem... é questão do... também né tem um combinado, e aí é isso, né, tipo... eu tinha muito esse papel. Inclusive depois a gente foi conversando... “olha, não dá, agora você começa a falar” [referindo-se ao pedido de ajuda ao marido] sabe assim? Ficava muito em cima de mim, aí ficava eu, essa figura chata, né, que tá sempre... aí a gente conversa muito sobre isso aí eu falei, agora você [Marcos Vinicius] tem que entrar porque eu só tô falando e só tô me distanciando, né - Maria*

*É, um pouco sim, mas um pouco de afastamento na dinâmica da família, de conversar mais com eles, de sentar... uma coisa que depois, a partir do ano passado, atrasado, só tende a ir melhorando também. Principalmente com a minha mãe, melhorou, melhorou... a gente falava, respeitava, se amava, mas talvez falava pouco e tal, conversava pouco, agora a gente tem uma relação melhor - Pedro*

Tanto na fala de Maria, quanto na de Pedro, a temática referente ao afastamento da mãe se faz presente. O adolescente, por mais que exponha o afastamento de ambos os cuidadores, faz questão de ressaltar a distância maior da mãe. É interessante perceber como nesse recorte nota-se a clara diferença entre os papéis de cada membro da família,

e de como cada subsistema se organiza de uma forma distinta. De acordo com Cremasco (2013), o fator singular da organização de cada subsistema se dá levando em consideração variáveis como: geração, sexo, função ou papel. Nesse sistema percebe-se que há uma identificação entre pai e filho e interesses em comum que os aproximam. Embora não se tenha dados suficientes para compreender o processo de construção da masculinidade de Pedro, é possível que ele sinta maior abertura e intimidade com a figura parental de mesmo gênero e uma necessidade de discriminação da figura feminina.

Além disso, no caso de Maria e Pedro, é possível perceber um protagonismo da função disciplinadora na dinâmica mãe-filho, o que pode ser pensado através da lente da divisão de papéis de acordo com o gênero. Não raramente fica como responsabilidade da mulher se atentar a aspectos do dia-a-dia, tais como organização da casa e manutenção da rotina, mas o que é interessante nesse núcleo familiar é a comunicação pautada na possibilidade de pedir por ajuda. O fato de que Maria se sentiu confortável em solicitar ao esposo que eles dividissem essa responsabilidade demonstra uma abertura do sistema a se readaptar e se transformar diante de novas necessidades.

### *Percepções da entrada na adolescência*

Ao serem questionados a respeito das mudanças que sentiram no início da adolescência de Pedro, juntamente com o pedido da pesquisadora por um exemplo concreto dessa mudança, o adolescente e seu pai compartilharam os seguintes relatos:

*Deixa eu pensar... acho que... talvez não seja um exemplo concreto, mas de uma dificuldade de... talvez comunicação sobre se abrir sobre a vida e tal, sobre coisas com meus pais, foi o mais difícil e aí talvez não consigo pensar num exemplo concreto, mas eu sei que as relações, elas mudaram... elas ficaram um pouco mais superficiais, no sentido que é... meus pais viraram, na época, os meus cuidadores e eles simplesmente tinham o papel de estar lá por mim, mas não tinham uma relação tão íntima na época. Tinha, mas eu acho que... eu acho que mais... não por falta de abertura, mas mais por uma característica minha de ser um pouco mais fechado - Pedro.*

*[...] ficar um pouco mais no quarto, ficar com pouca paciência de tratar alguma coisa, de conversar, a gente sempre... A gente faz muitas reflexões aqui, a gente busca conversar. É um momento que tem pouco apetite para conversas... mais fechados, mais reativos. - Marcos Vinicius*

É importante perceber como a temática principal trazida por Pedro e Marcos Vinicius ao pontuarem as mudanças está justamente relacionada a um assunto comentado praticamente durante toda a entrevista - a comunicação. Esse tópico se

apresenta enquanto um valor importante para a família, mas neste momento - início da adolescência de Pedro - ele aparece empobrecido.

De acordo com Cremasco (2013), cada subsistema tem suas funções e demandas, e é necessário que eles sejam estáveis o suficiente para suportarem uma possível necessidade de manutenção, já que mudanças contextuais e evolutivas são inerentes às estruturas familiares. No caso da crise da adolescência, por ser uma etapa do desenvolvimento marcada por fortes mudanças, é possível que a família entrevistada tenha encontrado certa dificuldade em ajustar os combinados estabelecidos anteriormente, resultando em um fechamento do adolescente até que a reorganização do sistema fosse feita.

Além disso, é perigoso descartar o aspecto individual que se apresenta na fala de Pedro. Ele compartilha que se considera uma pessoa mais fechada e que enxerga esse afastamento como um resultado da combinação da fase do desenvolvimento que estava passando e de sua personalidade, mas não da falta de abertura por parte dos pais.

Ainda nesse ponto, é importante pensar na complexidade da comunicação de forma geral. Conforme trazido pela família, mesmo com a abertura dos pais e o convite constante para o diálogo, Pedro ainda sim tinha “pouco apetite para conversas” como trouxe Marcos Vinicius; isso mostra que a comunicação não funciona como matemática, em que  $1 + 1 = 2$ , já que, caso assim fosse, o comportamento receptivo dos cuidadores resultaria necessariamente na abertura do adolescente.

#### 4.2.2 Divergências

##### *Regras e limites*

Um dos pontos de divergência que apareceu durante a entrevista se deu na conversa a respeito de regras e limites da família. A pesquisadora, no intuito de entender de maneira mais prática o estabelecimento de regras do sistema, pediu que os participantes oferecessem um exemplo concreto de uma regra clara daquela família, e foi nessa etapa que as narrativas divergiram.

*A gente tem algumas regras, por exemplo, o nosso momento de comer é sagrado. Essa regra não existe essa possibilidade... por mais que você esteja apressado você senta à mesa, a gente come, não tem celular, não tem nada. Pode ser rápido e tal, tem um momento de apreciação e tal,*

*depois cada um sai, mas acho que essa é uma regra muito clara da casa - Marcos Vinicius*

*A questão do celular a gente sempre falou um horário, então tinha aquele repouso, ele já descobriu, ele sempre descobre a senha... já desisti de botar repouso nele, acho que agora já chegou, então eu converso mais sobre a distração do celular, que é pra mim e que é pra ele, que ele tá estudando e aí ele, mãe, olha quanto tempo fiquei essa semana, então é mais pra gente ir se autorregulando, que eu acho que é a grande dificuldade - Maria*

*Pensar em regras claras na dinâmica na casa... eu não sei... eu acho que nunca houve uma regra clara... mas sempre houve... sempre houve regras, mas não sei se elas foram claras. Por exemplo, arrumar... eles sempre quiseram que eu arrume as coisas, meu quarto... uma coisa que eu esqueci de mencionar na adolescência, sempre começou a cobrança mais por arrumação, menos bagunça, essas coisas. E eu não consigo pensar em regras claras. A gente tem combinados que a gente faz todo início de ano, mas assim, eu não sinto que eles... sempre estão me cobrando com relação ao combinado, por exemplo minha mãe tinha falado sobre o celular na cama, mas aí acaba nunca tendo isso. Eles estipulam, mas nunca cumprem, não tem uma regra clara só tem umas coisas que tem que ser seguidas, que são subentendidas - Pedro*

É curioso notar como cada resposta tem um ponto principal que se distancia dos citados pelos demais participantes. Para Marcos Vinicius, conforme trouxe em diversos momentos da entrevista, o ritual da refeição em família se apresenta enquanto uma regra muito bem definida da casa. Ele compartilha que, mesmo em situações que fogem da rotina, essa é uma atividade que deve ser cumprida, sem negociação.

Maria, por outro lado, de imediato cita os acordos envolvendo o uso do celular, que não deixam de ser citados na fala de Pedro, mas de forma distinta. Para ela está muito claro que o uso do celular deve ser constantemente repensado e controlado. Ela pontua que o adolescente sempre teve um horário limite e que, passado esse horário eles (pais) desligavam seu aparelho através do “repouso” - configuração do celular em que os pais conseguem bloquear o uso de determinados aplicativos. Ela compartilha ainda que sempre dialoga com o filho a respeito dos malefícios do uso exagerado do aparelho e que ele, rotineiramente, deve mostrar a ela o tempo de uso.

Já Pedro, apesar de também citar a questão do celular, inicia sua resposta indicando que não existem regras claras, o que diverge bastante do relato trazido por seus pais. A fim de oferecer uma resposta, Pedro cita que existe uma cobrança por organização e, somente ao final, comenta a questão do uso do celular. Diferentemente das outras duas narrativas, o adolescente encerra sua resposta dizendo que as regras são subentendidas.

É interessante perceber como, por mais que de maneira geral a família apresente respostas bastante alinhadas durante toda a entrevista, a questão das regras parece ser uma temática que desperta uma fala muito individual e que se distancia das dos demais integrantes. Nota-se uma contradição já que, por um lado apresentam relatos que demonstram uma comunicação clara dentro do sistema mas que, por outro, no que diz respeito às regras, apresentam narrativas muito desalinhadas. É importante, diante desse fenômeno, pensar em como é feita a estipulação de uma nova regra dentro da família e como a comunicação da rigidez da mesma é verbalizada.

De acordo com Cremasco (2013), todo sistema familiar se relaciona a partir da determinação de regras: a comunicação que se estabelece na estrutura desse sistema é invariavelmente construída com base nessas regras, sejam elas explícitas ou implícitas. Diante disso, quando Pedro compartilha que não existem regras claras dentro da família e complementa, ao final de sua fala, dizendo que eles (pais) “estipulam mas nunca cumprem”, é necessário refletir de que modo esse estabelecimento está sendo feito; por que uma regra aparece tão marcada para um dos membros da família mas não para o outro? Cabe aqui pensar de que modo essa comunicação está ocorrendo para gerar tantos ruídos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo principal deste estudo - investigar as relações interpessoais estabelecidas em um sistema familiar com um dos membros vivenciando crise da adolescência, e as transformações que ocorrem no sistema - foi possível discutir não somente aquilo que a autora tinha a expectativa de explorar inicialmente, mas também identificar muitos outros aspectos que, sem a coleta de dados, não seria possível.

A princípio, diante da decisão pelo tema, a pesquisadora fantasiou que entrevistaria uma família com uma dinâmica bastante rígida e pouco flexível, buscando chegar a um resultado que mostrasse claramente o impacto de pais superprotetores no desenvolvimento de seus filhos. Isso porque a motivação principal dela atravessava experiências pessoais e se apresentava, em um primeiro momento, quase como uma busca por respostas a questões que presenciou a nível individual. Entretanto, o que ocorreu foi o encontro com uma família bastante diferente do que ela esperava; Pedro, Marcos Vinícius e Maria revelaram uma dinâmica extremamente flexível e atualizada. Os pais, por mais que tenham demonstrado um compromisso muito grande com o filho, durante toda a entrevista apresentaram um respeito à individualidade do adolescente e uma sensibilidade no que diz respeito aos limites deles e de Pedro.

Essa experiência proporciona uma reflexão a respeito da importância de se estar atento ao olhar do/da pesquisador/pesquisadora que se propõe a fazer uma entrevista. É necessário que ele/ela tenha clareza da proposta e que haja uma sensibilidade ao refletir sobre como conteúdos pessoais podem interferir na coleta de dados, mesmo que sutilmente. Não há neutralidade no fazer Ciência, por ser um fazer humano; diante disso, é fundamental que o/a pesquisador/pesquisadora se questione acerca de sua influência no processo.

O sistema familiar em questão mostrou a potência da comunicação e da abertura, auxiliando na condução dessa produção e na reflexão a respeito de como diferentes formatos e dinâmicas familiares podem produzir impactos distintos no sistema.

É necessário pontuar que, diante das limitações de um trabalho de conclusão de curso tais como: tempo para se debruçar sobre a produção, número de participantes e duração dos encontros, o material aqui compartilhado não reflete os inúmeros conteúdos que a temática abarca. A fim de conhecer mais profundamente a dinâmica da família entrevistada seriam necessários diversos encontros.

Diante disso, faz-se necessário compartilhar a dificuldade da pesquisadora em se ver na posição de selecionar determinados conteúdos para participarem da pesquisa, e

excluir outros. Por mais que ela soubesse da necessidade de se ater aos objetivos e à estrutura previamente estipulada, muitos conteúdos potentes surgiram na coleta de dados, deixando na pesquisadora um anseio por dar continuidade à pesquisa e explorar outros aspectos desse sistema.

Por outro lado, dado o número de estudos nacionais sobre a temática, a autora contou com uma base teórica forte para produzir a pesquisa, o que facilitou o processo. Poder contar com trabalhos clássicos e extremamente bem estruturados facilitou a construção da confiança da pesquisadora para fazer as análises.

Vale comentar também que tiveram diversos outros que auxiliaram na fluidez da produção; os três participantes, desde o início, demonstraram um comprometimento e interesse muito grande pela pesquisa, ficou claro o desejo deles em contribuir com o estudo, resultando em uma conversa espontânea e natural. Além disso, a pesquisadora acredita que o fato dela e Pedro terem estudado na mesma escola (em momentos distintos e sem nenhum tipo de contato) possibilitou a criação de um vínculo não dito, facilitando a conversa com o adolescente.

É interessante ainda pontuar que, por mais que a generalização não seja a intenção dessa pesquisa, é bonito perceber como a teoria vai aparecendo nas falas dos participantes e a entrevista se apresenta quase como uma reafirmação das bases teóricas já tão sólidas. Esse aspecto em específico proporcionou, na autora, um fortalecimento ainda maior do interesse pelo tema e do anseio por uma clínica sustentada pela sistêmica.

Dito isso, levando em consideração os limites pontuados anteriormente, cabe a sugestão de novos estudos e pesquisas sob mesmo tema, porém com diferentes recortes, a fim de fortalecer ainda mais as bases teórica e prática que sustentam a temática principal. Seria interessante a produção de um estudo que evidenciasse como os atravessamentos de raça, classe e gênero influenciam nas relações familiares de sistemas com um dos membros passando pela crise da adolescência. Outra possibilidade seria a de explorar como as respostas apareceriam em famílias com cuidadores de mesmo gênero ou ainda, em famílias monoparentais.

Encerra-se então essa produção com a apresentação das respostas para a primeira pergunta que a pesquisadora fez aos participantes - “como você descreveria a dinâmica da sua família em três palavras?”: “*leve, amorosa e de aprendizagem*” - Marcos Vinicius; “*cumplicidade, diálogo e limite*” - Maria; “*acolhedora, aberta e estável* -” Pedro.

Que todas as famílias, tenham elas a estrutura que for, possam vivenciar ao menos uma das palavras apresentadas por Marcos Vinícius, Maria e Pedro, mas, preferencialmente, todas elas.

## REFERÊNCIAS

Brasil. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <L8069 (planalto.gov.br)>. Acesso em: 23 mar. 2024.

CARDOSO, H.F.; BAPTISTA, M.N. **Família e intergeracionalidade**. In: TEODORO, M.L.M; BAPTISTA, M.N. (Coord.). Psicologia de Família: teoria, avaliação e intervenção. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2020.

CARTER, B; MCGOLDRICK, M. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura para a Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1995

CELESTINO, V.R.R. e BUCHER-MALUSCHKE, J.S. Um Novo Olhar para a Abordagem Sistêmica na Psicologia. [Local de publicação desconhecido]: FACEF Pesquisa: Desenvolvimento e Gestão, v.18, n.3 - p.318-329, 2015.

CREMASCO, Gabriela da Silva. **Desafios Psicossociais da Família Contemporânea: Pesquisas e Reflexões**. Avaliação Psicológica, Itatiba, v. 12, n. 2, p. 279-280, ago. 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712013000200020&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712013000200020&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 12 abr. 2022.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Org.). O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUARTE, R.. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, n. 24, p. 213–225, jul. 2004. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/issue/view/248/showToc>>.

FIORINI, M.C.; GUISSO, L. **Teoria familiar sistêmica: retrospectiva história e perspectivas atuais**. Psicologia.pt 2016, Disponível em: [https://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?teoria-familiar-sistemica-retrospectiva-historia-e-perspectivas-atuais&codigo=A1009](https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?teoria-familiar-sistemica-retrospectiva-historia-e-perspectivas-atuais&codigo=A1009). Acesso em: 09 nov. 2023.

GOMES, Lauren Beltrão et al. **As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo**. Pensando Família, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 3-16, dez. 2014. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2014000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200002&lng=pt&nrm=iso)>.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. **Competing paradigms in qualitative research**. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *Handbook of Qualitative Research* (pp. 105-117). London: Sage Publications, 1994.

KALINA, E. **Psicoterapia de adolescentes: teoria, técnica e casos clínicos**. 3. ed. Traduzido por C. R. A. Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANZINI, Eduardo J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.

MOON, S.M. (1990). Family therapy and qualitative research. **Journal of marital and family therapy**, 16 (4), pp. 357-373, 1990.

NICHOLS, M.P.; SCHATZ, R.C. (1998). *Terapia familiar: Conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artmed.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. **Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros**. *Psicologia em Estudo*, v. 12, n. 2, p. 247–256, maio 2007.

RODRIGUES, C. M.; KUBLIKOWSKI, I. **Os Pais e a Transição do Jovem para a Vida Adulta**. *Psico*, [S. l.], v. 45, n. 4, p. 524–534, 2014. DOI: 10.15448/1980-8623.2014.4.16372. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/16372>.

SANCHEZ, F.A. A família na visão sistêmica. In: TEODORO, M.L.M; BAPTISTA, M.N. (Coord.). **Psicologia de Família: teoria, avaliação e intervenção**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2020. p. 15-25.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. DE M.. *Adolescência através dos séculos*. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227–234, abr. 2010.

SENN, S. R. C. M.; DESSEN, M. A.. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 101–108, jan. 2012.

VASCONCELLOS, M.J.E. **O pensamento sistêmico novo paradigmático: o novo paradigma da ciência.** Campinas: Papirus, 2013.

WAGNER, A. et al.. Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 12, n. 1, p. 147–156, 1999.

WAGNER, A. et al.. A comunicação em famílias com filhos adolescentes. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n. 1, p. 75–80, jan. 2002.

WAGNER, A. **Como se perpetua a Família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

## ANEXOS E APÊNDICES

### Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

#### CONVITE

Você está sendo convidada a participar como voluntária de uma pesquisa autorizada pela PUC-SP. A identificação da pesquisa, da pesquisadora e de sua orientadora estão descritas abaixo.

Leia atentamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a seguir. Se você estiver de acordo, inteiramente esclarecida, e se dispuser voluntariamente a participar, agradeceremos por sua importante colaboração.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
--

#### IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA - Subprojeto 1

Título da Pesquisa: A CRISE DA ADOLESCÊNCIA E O SISTEMA FAMILIAR: menos sofrimento, mais potencialidade

Objetivo Geral: Investigar as relações interpessoais estabelecidas em um sistema familiar com um dos membros vivenciando crise da adolescência, e as transformações que ocorrem no sistema.

Objetivos Específicos: Compreender as percepções e vivências individuais dos membros familiares: 1. pais; 2. adolescente.

Esta pesquisa está relacionada à elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido para o curso de Psicologia da PUC-SP.

Aluna Pesquisadora: Maria Flávia Machado Pavan

Pesquisadora Responsável e Orientadora da Pesquisa: Flavia Arantes Hime

#### FORMA DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Estou ciente de que a minha participação nesta pesquisa será por meio de uma entrevista, realizada de maneira presencial. A entrevista terá duração média de quarenta

minutos e será realizada em local reservado para garantir minha privacidade e o sigilo das informações prestadas à pesquisadora.

## RISCOS E BENEFÍCIOS

Fui esclarecido de que esta pesquisa espera alcançar, com seus resultados, benefícios para os seres humanos, a comunidade e a sociedade. Estou ciente de que é possível que ocorram alguns desconfortos ou riscos para mim, como estar diante de questões que eu não saiba responder, ou acerca das quais eu não tenha conhecimento suficiente ou aprofundado. Estou ciente de que a pesquisadora fará o possível para reduzir esses desconfortos, principalmente mediante a disponibilização prévia de todos os esclarecimentos necessários além de cuidados éticos. Também não serei privado nem limitado em qualquer dos meus direitos, nem intimidado a qualquer tipo de participação com a qual eu não concorde.

## SIGILO E PRIVACIDADE

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, que meu nome ou qualquer outro dado que possa, de alguma forma, me identificar, assim como os referentes às pessoas que porventura eu citar, será mantido em sigilo pela pesquisadora, que se responsabilizará pela guarda dos dados, bem como pela não exposição das fontes dos dados da pesquisa. Os resultados desta pesquisa poderão ser publicados, porém sem a identificação dos participantes.

## AUTONOMIA

Estou ciente de que terei toda a assistência necessária durante a pesquisa, bem como me será garantido o livre acesso a todas as informações e/ou esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa e tudo mais que eu queira saber, antes, durante e depois da minha participação. Também fui informado de que posso me recusar a participar da pesquisa, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar me justificar, e que, se eu me retirar da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

## RESSARCIMENTO

Estou ciente de que a pesquisa não envolve nenhuma ajuda de custo aos participantes.

## CONTATO

Estou ciente de que a Pesquisadora Responsável por este projeto é a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flavia Arantes Hime, e com ela poderei manter contato a qualquer momento pelo telefone (11) 3670-8320, ou pelo e-mail [flaviahime@gmail.com](mailto:flaviahime@gmail.com). Estou ciente de que o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP é composto por profissionais qualificados daquela universidade, que trabalham para garantir que meus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados, avaliando se a pesquisa foi planejada e está sendo executada de forma ética. Se eu achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como imaginei, ou estiver sendo prejudicado de alguma forma, poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, à Rua Ministro Godói, 969, Térreo, Sala 63C, Perdizes, São Paulo/SP, CEP 05015-001, Tel. (11) 3670-8466, e-mail [cometica@pucsp.br](mailto:cometica@pucsp.br).

## DECLARAÇÃO

Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que tive a oportunidade de discutir e esclarecer todas as informações deste termo com a pesquisadora. Todas as minhas perguntas foram respondidas e eu estou satisfeito com as respostas. Entendo que receberei uma via assinada e datada deste documento e que outra via assinada e datada será arquivada pela pesquisadora.

Dessa forma, manifesto meu consentimento livre e esclarecido em participar voluntariamente da pesquisa A CRISE DA ADOLESCÊNCIA E O SISTEMA FAMILIAR: menos sofrimento, mais potencialidade, conduzida pela equipe composta por Maria Flávia Machado Pavan e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flavia Arantes Hime, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor financeiro a receber ou a pagar por minha participação.

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

\_\_\_\_\_

Nome do participante

\_\_\_\_\_

Assinatura do participante

\_\_\_\_\_

Nome da aluna-pesquisadora

\_\_\_\_\_

Assinatura da aluna-pesquisadora

\_\_\_\_\_

Nome da orientadora

\_\_\_\_\_

Assinatura da orientadora

## **Apêndice 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: autorização da participação de menor.**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/ PUC-SP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
--

### A CRISE DA ADOLESCÊNCIA E O SISTEMA FAMILIAR: menos sofrimento, mais potencialidade

Seu (sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa autorizada pela PUC-SP denominada “A CRISE DA ADOLESCÊNCIA E O SISTEMA FAMILIAR: menos sofrimento, mais potencialidade”, cujo objetivo é investigar as relações interpessoais estabelecidas em um sistema familiar com um dos membros na crise da adolescência, e as transformações que ocorrem no mesmo.

A entrevista será realizada em local reservado, de acordo com a sua escolha, garantindo sua privacidade e o sigilo das informações prestadas a mim. A entrevista terá duração média de trinta minutos e terá seu áudio gravado, desde que você concorde. Sua concordância quanto à gravação da entrevista será validada após a leitura e assinatura deste termo de consentimento. Todas as informações coletadas neste estudo serão confidenciais e somente o pesquisador e/ou a professora orientadora terão conhecimento da identidade seu (sua) filho(a) e nos comprometemos a mantê-la em sigilo. Os dados coletados serão utilizados apenas para esta pesquisa.

Fui esclarecido que esta pesquisa espera alcançar, com seus resultados, benefícios para os seres humanos, a comunidade e a sociedade. É importante dizer que toda pesquisa envolvendo seres humanos apresenta algum risco, nesse caso pode ser que o participante sinta algum desconforto ou cansaço, tendo em vista que os conteúdos que aparecerão podem mobilizá-lo. Não haverá qualquer compensação financeira ou benefício direto pela participação na pesquisa, podendo abandoná-la se assim o desejar, sem por isso sofrer qualquer prejuízo. As despesas da coleta de dados serão custeadas pelos pesquisadores, não havendo qualquer forma de oneração aos participantes. Antes de decidir, é importante que você entenda por que esta pesquisa está sendo realizada, todos os procedimentos envolvidos, os possíveis benefícios, riscos e desconfortos explicitados.

A qualquer momento, antes, durante e depois da pesquisa, você poderá solicitar maiores esclarecimentos, ou retirar a autorização. Em todos esses casos você e seu (sua) filho(a) não serão prejudicados, penalizados ou responsabilizados de nenhuma forma.

Estou ciente de que a pesquisadora responsável por este projeto é a estudante Maria Flávia Machado Pavan, e com ela poderei manter contato a qualquer momento pelo telefone (11) 99463-5547, ou pelo e-mail [mfmpavan@gmail.com](mailto:mfmpavan@gmail.com). Ainda, estou ciente de

que a orientadora do referido trabalho é a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flavia Arantes Hime, que pode ser contatada pelo endereço de e-mail [flaviahime@gmail.com](mailto:flaviahime@gmail.com) ou então pelo telefone (11) 97152-7006. Este estudo foi analisado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Em caso de reclamação, dúvida ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC- SP situado na Rua Ministro Godói, 969 – sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello no bairro Perdizes (CEP: 05.015-001) na cidade de São Paulo-SP, que possui o telefone e e-mail, respectivamente: (11) 3670-8466 e [cometica@pucsp.br](mailto:cometica@pucsp.br)

Após ser apresentado(a) e esclarecido(a) sobre as informações da pesquisa, no caso de autorizar seu (sua) filho(a) como voluntário(a), você deverá rubricar todas as páginas e assinar ao final deste documento elaborado em duas vias. Também, abaixo a este documento seu (sua) filho(a) será esclarecido sobre a pesquisa e no caso de aceitar participar como voluntário da pesquisa, deverá assinar. Cada via também será rubricada em todas as páginas e assinada pelo pesquisador responsável, devendo uma via ficar com você, para que possa consultá-la sempre que necessário. Se ocorrer qualquer problema ou dano pessoal durante ou após os procedimentos aos quais seu (sua) filho(a) foi submetido lhe será garantido o direito a tratamento imediato e gratuito, não excluindo a possibilidade de indenização determinada por lei, se o dano for decorrente da pesquisa.

### **Consentimento do participante**

Eu, abaixo assinado, declaro que concordo em autorizar meu (minha) filho(a) desse estudo como voluntário(a) de pesquisa. Fui devidamente informado (a) e esclarecido(a) sobre o objetivo desta pesquisa, que li ou foram lidos para mim, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de participação de meu (minha) filho(a) e esclareci todas as minhas dúvidas. Foi-me garantido que eu posso me recusar a autorizar e retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me cause qualquer prejuízo, penalidade ou responsabilidade meu (minha) filho(a). Autorizo a divulgação dos dados obtidos neste estudo mantendo em sigilo a identidade do meu filho(a). Informo que recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e assinadas por mim e pelo Pesquisador Responsável.

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

Nome do menor: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Nome do responsável

\_\_\_\_\_

Assinatura do responsável

\_\_\_\_\_

Nome da aluna-pesquisadora

\_\_\_\_\_

Assinatura da aluna-pesquisadora

\_\_\_\_\_

Nome da orientadora

\_\_\_\_\_

Assinatura da orientadora

### Apêndice 3: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

#### PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/ PUC-SP

##### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa: “A CRISE DA ADOLESCÊNCIA E O SISTEMA FAMILIAR: menos sofrimento, mais potencialidade” que eu, Maria Flávia Machado Pavan, orientada pela minha professora doutora, Flávia Arantes Hime, estou fazendo.

Seus pais permitiram que você participasse da pesquisa e gostaria de convidar você a participar da minha pesquisa para saber como os adolescentes percebem seu sistema familiar. Assim, vou analisar os conteúdos que surgirão durante a entrevista.

A pesquisa será feita em uma única etapa, sendo esta uma entrevista semi dirigida de 30 minutos e eu e minha professora não contaremos para ninguém o que foi realizado e conversado durante essas atividades.

A pesquisa não terá nenhum custo e ninguém saberá que você está participando dela; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar o adolescente que participou.

Quando terminarmos a pesquisa você poderá ter acesso aos resultados, caso deseje.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi o meu telefone na parte de cima deste texto.

#### CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa: “A CRISE DA ADOLESCÊNCIA E O SISTEMA FAMILIAR: menos sofrimento, mais potencialidade”

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.  
Recebi uma via deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

\_\_\_\_\_  
Nome do menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do menor

\_\_\_\_\_  
Nome da aluna-pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Assinatura da aluna-pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Nome da orientadora

\_\_\_\_\_  
Assinatura da orientadora